

## Entrevista

# Traçando diálogos: Arnaldo Branco e a reinvenção de *O Beijo no Asfalto* em quadrinhos<sup>1</sup>

Tracing Dialogues:  
Arnaldo Branco and the Reinvention of *O Beijo no Asfalto* in comics

Seguimiento de diálogos:  
Arnaldo Branco y la reinención de *O Beijo no Asfalto* en el cómic

Tiago Collect 

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

## RESUMO:

A entrevista em foco desvela o intrincado processo de adaptação literária para o universo dos quadrinhos. Arnaldo Branco, com sua habilidade narrativa, discorre sobre a fidelidade à obra original e a inserção de elementos contemporâneos. A colaboração artística é um ponto alto, refletindo uma harmonia entre liberdade criativa e respeito a individualidade do projeto. A conversa também aborda a posição dos quadrinhos no mercado editorial, destacando a busca por reconhecimento e legitimação dessa forma de arte.

**Palavras-chave:** Adaptação; Quadrinhos; Mercado Editorial

## RESUMEN:

La entrevista en cuestión revela el intrincado proceso de adaptación literaria al universo del cómic. Arnaldo Branco, con su habilidad narrativa, habla sobre la fidelidad a la obra original y la inserción de elementos contemporâneos. La colaboración artística es un punto culminante, reflejando una armonía entre la libertad creativa y el respeto a la individualidad del proyecto. La conversación también aborda la posición del cómic en el mercado editorial, destacando la búsqueda de reconocimiento y legitimación de esta forma de arte.

**Palabras clave:** Adaptación; Historietas; Mercado Editorial

## ABSTRACT:

The interview in focus reveals the intricate process of literary adaptation to the comic book universe. Arnaldo Branco, with his narrative skill, discusses fidelity to the original work and the insertion of contemporary elements. Artistic collaboration is a high point, reflecting a harmony between creative freedom and respect for the individuality of the project. The conversation also addresses the position of comics in the publishing market, highlighting the search for recognition and legitimization of this art form.

**Keywords:** Adaptation; Comics; Editorial Market

## ENTREVISTA

Em um exercício de desapego às convenções, o diálogo que aqui se desenrola é um ato de coragem intelectual. A proposta é ousada: despirm-se do culto acadêmico a uma matriz canônica e mergulhar, sem pudor, na efervescência da cena cultural e literária bra-

<sup>1</sup> A entrevista foi gravada com o auxílio da ferramenta midiática GoogleMeet, e posteriormente transcrita para publicação. Com fins de manter a autenticidade e a informalidade da interação linguística do contexto inicial que gerou esta entrevista, optou-se por manter certas marcas de oralidade, como coloquialismos e marcadores conversacionais.

sileira contemporânea. Este é o convite que se estende a todos aqueles que, com olhos curiosos e mente aberta, buscam compreender as nuances e transformações do nosso tempo. A jornada começa com *O beijo no asfalto*, uma peça que, como um espelho, reflete as adaptações e interpretações através dos anos, culminando na expressão artística dos quadrinhos. É um caminho de descobertas, onde cada adaptação cinematográfica serve como um degrau que nos aproxima da essência da obra, agora reimaginada em quadrinhos. Neste processo, a gratidão se faz presente: a Anselmo Peres Alós, orientador e farol; a Maria Clara Carneiro e Lielson Zeni, pontes humanas que possibilitaram esse trabalho; e a Arnaldo Branco, responsável pelo desafio de roteirizar a transposição da peça para o formato História em Quadrinhos. O encontro virtual, então, não é apenas um diálogo, mas um mergulho profundo na trajetória profissional do artista e no próprio ato de criação. O registro é gravado e transcrito com a fidelidade de um escriba, preservando a essência da conversa que fluiu livremente.

**Tiago de Oliveira Collect (TOC).** Arnaldo, antes de tudo, gostaria de expressar minha gratidão por ter aceitado o convite para a entrevista. Comecei a segui-lo recentemente nas redes sociais e acabei conhecendo seu trabalho através das adaptações das peças Nelson Rodrigues para os quadrinhos. Faço questão também de destacar o seu talento enquanto contista, sobretudo seu conto sobre a cena literária no Sudeste<sup>2</sup>. Aproveitando a oportunidade, gostaria que compartilhasse conosco um pouco mais sobre seu trabalho e trajetória.

**Arnaldo Branco (AB).** Não profissionalmente. Eu pensei em escrever um livro, mas, pensando bem, percebi que fazer um livro é muito chato e dá mais trabalho que dinheiro. Bom, sou formado em jornalismo, nos anos 1990. No entanto, demorei muito para exercer a profissão, pois era muito tímido, tinha dificuldades em me relacionar com pessoas e o jornalismo parecia um pesadelo para mim. Além disso, não queria sair da faculdade, onde tinha meus amigos e minha vida. Como sou “pré-internet”, não achava que poderia fazer algo que realmente me agradasse. Apesar de gostar de escrever e fazer outras atividades, naquela época, para publicar no jornal, era necessário ter um portfólio e bater de porta em porta, algo impensável para mim. Por isso, trabalhei em outras áreas, como balconista e empregos menores. Foi somente quando um amigo me ensinou rudimentos do *web marketing* que adquiri um computador e comecei a publicar meus desenhos, quadrinhos e *cartoons* em um blog. Meu trabalho chamou a atenção da editora, Conrad<sup>3</sup>, que publicava o

<sup>2</sup> O artista publica, de forma não profissional, contos em suas redes sociais. Dentre os mais destacados está o mencionado na entrevista, publicado pelo autor em seu blog pessoal no site Médiun, intitulado “*Como eu destruí a cena literária de boa parte da região sudeste*”. Disponível em: <https://medium.com/@arnaldobranco/como-eu-destru%C3%AD-a-cena-liter%C3%A1ria-de-boa-parte-da-regi%C3%A3o-sudeste-12ca191ef741>. Acessado em 18/12/2023.

<sup>3</sup> A Conrad Editora é uma editora brasileira conhecida no mercado nacional de livros e mangás, sendo, no país, a pioneira na publicação de quadrinhos japoneses e coreanos no formato original. Com sede na cidade de São Paulo a editora transporta seus produtos para todo o território nacional. Dentre seus feitos, vale ressaltar que ela foi responsável por trazer os primeiros mangás de *Cavaleiros do Zodíaco* e *Dragon Ball* ao Brasil nos anos 2000.

Robert Crumb<sup>4</sup> no Brasil, e meu personagem Capitão Presença<sup>5</sup>, o super-herói maconheiro, foi o primeiro a interessar a editora. Isso me levou a outros caminhos, e fui tentando a vida inteira, pois sempre quis trabalhar como roteirista. Coloquei meus projetos em editais até que, em 2009, quando eu estava quase chegando aos 40 anos, ganhar editais e também fui chamado para trabalhar na Globo, no *Casseta e Planeta*<sup>6</sup>, com humor, meus quadrinhos e outras produções.

**TOC.** Quando eu era criança, costumava assistir muito a esse programa.

**AB.** Entretanto, o pessoal do *Casseta e Planeta* foi extremamente influente para a minha geração. Quando eles surgiram, não o fizeram na televisão, mas sim através de jornais e revistas, e eram considerados revolucionários. Naquele momento, estávamos saindo de um período de ditadura, onde o humor era extremamente político, sério e combativo. De repente esses caras apareceram fazendo um besteiro sem fim, o que acabou se tornando algo libertador para muitas pessoas. No entanto, eles mudaram o tipo de humor que faziam ao se tornarem mais populares, mas, ainda assim, tenho um grande respeito por eles, pois foram fundamentais na minha identidade como roteirista. Durante meu tempo trabalhando lá, percebi que estávamos no meio do humor “um pouquinho mais popular”. Não quero dizer isso como algo negativo, mas não era o tipo de humor que eu sonhava em fazer. Apesar disso, a experiência foi interessante, pois me abriu portas para a Globo e me permitiu fazer outras coisas. Desde então, minha carreira decolou, trabalhei na Globo até sair em meio a uma briga com meu empregador, e eu nunca mais fui chamado. Não tenho certeza se esse foi o motivo, mas acabei estabelecendo uma carreira como *freelancer*, principalmente na área de animação, trabalhando com produções como *Irmão do Jorel*<sup>7</sup> e outras. Há seis anos, comecei a fazer o *Greg News*<sup>8</sup>, que se tornou bastante conhecido e hoje é responsável por manter minhas contas em dia.

**TOC.** Uma vez que nos direcionamos para trabalhos que nos fornecem sustento, gostaria de adentrar na primeira pergunta sobre adaptação, assunto que nos trouxe até esta entrevista: você já teve alguma experiência adaptando obras literárias para histórias em quadrinhos? Aproveitando para complementar, com base nesta experiência, qual é a

<sup>4</sup> Artista gráfico e ilustrador, reconhecido como um dos fundadores do movimento underground dos quadrinhos americanos, sendo considerado por muitos como uma das figuras mais proeminentes desse movimento, cujo ponto de partida foi a publicação da revista em quadrinhos artesanal “Zap Comix”, idealizada por ele.

<sup>5</sup> Personagem da HQ As aventuras do Capitão Presença, tendo a primeira edição publicada em junho de 2006, pela editora Conrad. O super-herói é uma brincadeira com o universo da maconha - um indivíduo “presença”, no caso, é um sujeito que sempre tem a droga quando os amigos estão querendo. Importante ressaltar que o autor utilizou *Creative Commons* para gerir seus direitos, ou seja, qualquer um pode fazer e publicar tiras do Capitão Presença, desde que Arnaldo Branco seja creditado como criador do herói.

<sup>6</sup> Programa humorístico satírico brasileiro, estrelado pelo grupo Casseta & Planeta. Foi transmitido pela TV Globo de 28 de abril de 1992 (de forma mensal, como um especial do Terça Nobre) e 2 de março de 1999 (de forma semanal, como um programa próprio) a 21 de dezembro de 2010.

<sup>7</sup> Uma série em desenho animado brasileira criada por Juliano Enrico e coproduzida pelo Cartoon Network (Brasil), TV Quase e Copa Studio.

<sup>8</sup> Programa de TV disponibilizado no Youtube e na plataforma HBO max, no formato talk show, criado pelo grupo Porta dos Fundos e apresentado por Gregório Duvivier, comediante brasileiro. O programa tem como premissa trazer um olhar crítico e cômico para pautas fundamentais do Brasil e do mundo.

importância, em sua opinião, do roteirista e ilustrador na transposição de obras canônicas para esse formato?

**AB.** Foi cômico, pois eu já havia realizado outras atividades no âmbito literário, como tradução de livros de humor para o público brasileiro e trabalhos ocasionais, *ghost writer*<sup>9</sup> e a tradução de um livro sobre o nazismo. Portanto, o mercado editorial me conhecia como um profissional capaz de entregar um livro. Entretanto, no caso de Nelson Rodrigues, foi um acidente, pois a ideia inicial era adaptar o livro *O beijo do asfalto*<sup>10</sup> para quadrinhos em um prazo extremamente curto de um mês e meio, o que era inacreditável. O objetivo era lançar a adaptação na FLIP<sup>11</sup>, que estava próxima, mas era impossível conseguir o tempo necessário para levar os livros prontos para a feira. Eu era o 12º na lista de quadrinistas, mas acredito que não tenham analisado meu trabalho, que é conhecido publicamente por seu humor grotesco e desenho ruim. Porém, como eu amo Nelson Rodrigues e já havia estudado sua obra, inclusive fazendo meu trabalho de conclusão de curso na Faculdade de Jornalismo sobre a figura do jornalista em sua obra, eu estava interessado em realizar o trabalho. No entanto, precisava de um desenhista profissional, já que não sabia desenhar. A editora concordou com a minha proposta de dividir o cachê com um desenhista que considerava ter os melhores desenhos do Brasil, Gabriel Góes<sup>12</sup>, que nunca havia feito uma adaptação. Eu sabia que ele iria sofrer muito, então prometi entregar o roteiro em uma semana, já que sou conhecido pela rapidez em meu trabalho. A partir daí, começamos a trabalhar de maneira acelerada, o que pode ter prejudicado um pouco a adaptação, mas não tanto. É importante ressaltar que uma peça de teatro espera ser encenada e que o texto em um livro não é a obra final, mas sim uma adaptação. Fizemos escolhas cênicas e editamos os diálogos para caber no tamanho proposto pela editora sem perder a essência da obra original. Acredito que realizamos um milagre e que a adaptação ficou muito boa, tanto que foi vendida para o sistema do PNBE<sup>13</sup> e distribuída nas escolas, além de ter sido um sucesso de vendas. Resumidamente, o trabalho caiu em minhas mãos e, a partir daí, quando a editora viu que eu era capaz, me ofereceu cada vez mais trabalhos, o que me permitiu criar uma reputação no mercado editorial.

**TOC.** Você mencionou um prazo de um mês e meio, eu nunca imaginei que fosse possível realizar algo nesse período. Fico contente em saber que você conseguiu se estabelecer em relação ao roteiro.

<sup>9</sup> Também chamado de "escritor fantasma", é basicamente um profissional pago para escrever textos assinados oficialmente por outras pessoas.

<sup>10</sup> Encenada por Fernanda Montenegro, é uma peça teatral brasileira, escrita por Nelson Rodrigues e encenada pela primeira vez em 7 de julho de 1961.

<sup>11</sup> Festa Literária Internacional de Paraty é um festival literário lançado no ano de 2003 e realizado pela Associação Casa Azul, no ano em questão o homenageado era Nelson Rodrigues.

<sup>12</sup> Ilustrador, quadrinista e artista plástico. Idealizou e editou as revistas "Samba", "Kowalski" e "Fabio". Também ilustrou as adaptações para quadrinhos das peças *O beijo no asfalto* e *Vestido de noiva*, da obra de Nelson Rodrigues

<sup>13</sup> Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, com o objetivo de promover a distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.

**AB.** Não tenho certeza se o prazo era de um mês e meio, mas era extremamente curto para uma tarefa que envolve desenhar. Quanto ao roteiro, trata-se de uma adaptação de uma peça de teatro, o que torna a tarefa um pouco mais fácil, uma vez que o texto já está em diálogo. Quando me foi proposto, levei em consideração a minha experiência prévia com a obra - já havia lido a peça diversas vezes, dirigido algumas montagens e, portanto, tinha um conhecimento aprofundado sobre ela. Assim, pude avaliar quais partes eram mais relevantes e quais diálogos impulsionavam a história. Decidi, então, aceitar o trabalho e entreguei o roteiro para Gabriel, o desenhista. Fiz isso em um prazo muito curto e, na verdade, entreguei antes do prazo final. Gabriel, por sua vez, trabalhou intensamente e, no último dia, estava exausto, sem energia.

**TOC.** Minha próxima pergunta já foi respondida. Gostaria de saber como surgiu a parceria entre você e Gabriel Góes para essa adaptação. Foi por acaso mesmo?

**AB.** Eu estava familiarizado com o trabalho dele, mas também com a pessoa em si, que eu adorava. Então, decidi mandar uma mensagem. É importante ressaltar que ele tem uma personalidade bastante peculiar. Na verdade, ele nem chegou a responder, o que me fez pensar: “Bem, acho que não vai responder...”

**TOC.** Quando enviei o primeiro e-mail, ainda não tinha noção da imagem personificada de vocês.

**AB.** Ele é mais jovem do que eu, talvez uns dez anos mais novo. É bastante reservado e introspectivo, assim como o seu trabalho, que é muito diferente do meu. Enquanto o meu trabalho busca edificar, fazer rir e provocar efeitos, o dele é completamente surreal. Ele é realmente muito excêntrico. No entanto, eu acreditei que poderíamos fazer um bom trabalho juntos, desde que tivéssemos mais tempo para trabalhar. Posteriormente, fizemos outra adaptação, a do *Vestido de noiva*<sup>14</sup>, que ficou ainda mais bonita. Embora eu goste das duas adaptações, a do *Vestido de noiva* ficou mais satisfatória. Essa obra é mais complexa, uma vez que envolve quatro planos diferentes e diversas particularidades. Acredito que ficou mais bonita do que a primeira adaptação. De qualquer forma, considero *O beijo no asfalto* um milagre da adaptação, uma vez que foi feita em um prazo muito curto. E ainda assim, a obra recebeu uma resposta muito positiva do público em geral.

**TOC.** Essa adaptação é muito boa também, porém, em relação ao trabalho conjunto, como ele afetou a individualidade do projeto?

**AB.** Eu sempre executo essa tarefa. Realizo a separação e sugiro as ideias, sem me dedicar à elaboração de *storyboards*<sup>15</sup> ou desenhos. O meu trabalho consiste em escrever o quadro, definindo o que será legenda, diálogo e os elementos presentes na cena. A partir desse ponto, a responsabilidade é do desenhista, a quem ofereço apenas sugestões. O meu

<sup>14</sup> Peça teatral brasileira, de teor psicológico, escrita por Nelson Rodrigues e encenada pela primeira vez em 1943.

<sup>15</sup> Também chamado de esboço sequencial, sendo organizadores gráficos, como uma série de imagens ou ilustrações arranjadas em sequência, com o objetivo de pré-visualizar um filme, gráfico animado ou animação

intuito é facilitar o trabalho do profissional e, apesar de poder emitir opiniões, as escolhas finais são dele. Em se tratando da adaptação de livros, trabalho principalmente com animação. É o *storyboarder* quem, de fato, dá vida aos personagens e cria piadas visuais e outras estratégias para manter o espectador entretido. É importante que ele tenha liberdade para exercer seu trabalho, uma vez que é o profissional que melhor sabe como entregar uma piada visualmente. O desenhista, por sua vez, também precisa de espaço para trabalhar, pois é ele quem deve solucionar, a partir de sua imaginação, as peças que eventualmente faltam, apresentando soluções visuais. Basicamente, essa é uma parceria em que cada um tem seu papel bem definido. Quando falamos em quatro mãos, não significa que ambos os profissionais trabalham juntos, mas sim que cada um executa sua tarefa em sua mesa, trocando ideias quando necessário. Essa foi a dinâmica adotada nos dois livros que adaptamos e que, na minha opinião, foi bastante satisfatória.

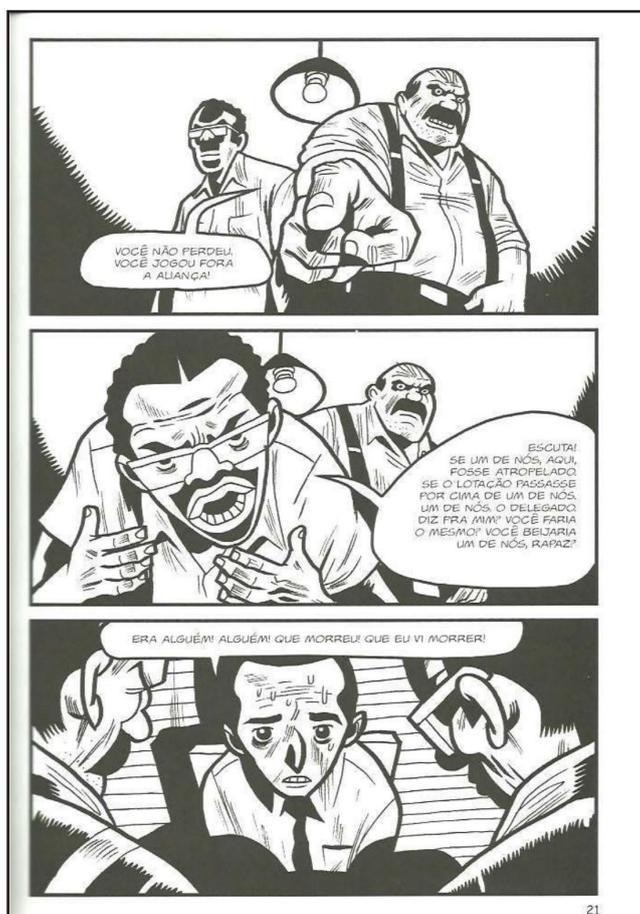
**TOC.** Houve alguma determinação da editora ou o trabalho foi realizado com liberdade artística?

**AB.** Recordo-me de que a editora desejava acrescentar algumas notas posteriormente. No entanto, caso tivéssemos que fazê-las, não teríamos tempo suficiente para concluir o projeto. A editora afirmou que a entrega estava bem-feita e que foi um milagre termos cumprido o prazo estipulado. No entanto, sempre há questões a serem consideradas, como a seleção do elenco. Embora pudéssemos ter colocado a atriz Fernanda Montenegro<sup>16</sup> em cena, optamos por trabalhar com elementos mais ágeis. Afinal, a primeira montagem de *O beijo no Asfalto* contou com um elenco grandioso. Já no livro seguinte, decidimos desenhar os personagens com mais detalhes, destacando a expressão dos olhos. Neste caso, os olhos são representados por duas bolinhas, o que causou estranheza na editora. Esta argumentou que no teatro a expressão é mais evidente, todavia, o formato do quadrinho proporciona a possibilidade de transmitir sensações por meio de outros elementos, além do rosto humano, e é justamente isso que torna a arte do quadrinho tão fascinante

---

<sup>16</sup> Premiada atriz brasileira, vale ressaltar que a primeira latino-americana e única brasileira a ser indicada ao Oscar de melhor atriz pelo seu papel em *Central do Brasil* (1998), também é membro da Academia Brasileira de Letras.

Figura 1



Fonte: BRANCO, Arnaldo. O beijo no Asfalto/Nelson Rodrigues; Arnaldo Branco, roteirista; Gabriel Góes, Ilustrador. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

**TOC.** A escolha do preto e branco para a adaptação teve alguma relação com o contexto da época? Qual foi a intenção por trás dessa escolha?

**AB.** A decisão de usar preto e branco foi uma encomenda. O custo da produção aumenta significativamente com a utilização de cores. Entretanto, eu achei que foi uma escolha perfeita, uma vez que as fotos de referência que eu tinha da peça de 1961 e do filme de 1964 eram em preto e branco. O contraste entre claro e escuro é muito eficiente na utilização de sombras, e eu considero que é uma opção adequada para essa adaptação. No caso do outro livro, *Vestido de noiva*, como há uma questão de planos, optamos por utilizar duas cores, incluindo o vermelho. No entanto, para este projeto em específico, o preto e branco foi uma escolha perfeita.

Figura 2



Fonte: BRANCO, Arnaldo. O beijo no Asfalto/Nelson Rodrigues; Arnaldo Branco, roteirista; Gabriel Góes, Ilustrador. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

**TOC.** Na história de sobrevivência do enredo e das adaptações, destacam-se *O beijo* de 1964, mencionado anteriormente por você e dirigido por Tambellini<sup>17</sup>, e o segundo filme de 1980, dirigido por Bruno Barreto.<sup>18</sup>

**AB.** O segundo filme, estrelado por Tarcísio<sup>19</sup>, apresenta uma peculiaridade interessante: foi contaminado pela estética da época em que foi produzido, diferentemente da nossa escolha em fazer uma obra de época, ambientada no período em que se passa a história original. Optamos por manter a fidelidade ao contexto histórico e não modernizar o figurino dos personagens.

**TOC.** Gostaria de saber se vocês têm conhecimento dos filmes e adaptações, e se tiveram muito contato com eles durante o trabalho.

**AB.** Tínhamos a intenção de utilizá-los como referência, especialmente porque Amado Ribeiro<sup>20</sup>, um personagem da vida real, era um colega de redação de Nelson. Embora tenha

<sup>17</sup> Crítico, diretor e roteirista brasileiro. Teve sua estreia como diretor no filme *O beijo* (1964) citado na entrevista.

<sup>18</sup> Cineasta brasileiro. Diretor de filmes como *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1976) e *O que é isso companheiro?* (1997), indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

<sup>19</sup> Tarcísio Meira, premiado ator brasileiro. Considerado um dos maiores nomes da sua geração, atuou em telenovelas, filmes e minisséries como *Sangue e Areia* (telenovela, exibida entre 1967 e 1968) *Máscara de traição* (filme, 1969), *As confissões do Frei Abóbora* (filme, 1971), *A muralha* (minissérie, 2000).

<sup>20</sup> Personagem da obra *O beijo no asfalto* (1961), um repórter investigativo com um caráter controverso na trama rodrigueana.

sido retratado como um canalha pelo escritor, que o descrevia como alguém intimidador e que andava armado, ele era uma pessoa maravilhosa.

**TOC.** Houve uma entrevista em que lhe perguntaram se havia se sentido ofendido com a retratação, e ele respondeu que na vida real a situação era ainda pior.

**AB.** Ele é realmente maravilhoso. Eu disse ao Gabriel: «Coloque o Amado com o cabelo de lado, como ele realmente é». Ele merece estar na história e ficou muito bonito, mais engraçado do que na peça do livro que foi adaptada para a Globo. Por isso, optei por manter a mesma disposição daquela época, pois se encaixa melhor nas gírias. Isso permite que o leitor fique mais imerso nessa cápsula do tempo.

**TOC.** Não sei se chegou a assistir ao filme de 2018 dirigido por Murilo Benício<sup>21</sup>. Na minha opinião, algumas decisões artísticas atualizaram a obra, como a inclusão da temática étnico-racial na trama, por meio da escolha de Lázaro Ramos<sup>22</sup> como protagonista. Durante a parceria com Gabriel, pensaram em realizar alguma mudança ou a ideia sempre foi se manter fiel à obra original?

**AB.** Optamos por manter a fidelidade à obra original. Por exemplo, o beijo inter-racial seria um problema adicional. Talvez tivéssemos que destacar ainda mais alguns aspectos. Não tínhamos tempo para fazer atualizações ou mudanças na obra. Quando fizemos *Vestido de Noiva*, optamos por seguir o mesmo caminho, mas levamos em conta que grande parte das produções de Nelson Rodrigues e sua temática são baseadas em mitos gregos. Têm um sabor dos anos 1940, 1950 e 1960, valorizam a virgindade e abordam uma série de questões que perdem o sentido se houver mudanças. É mais interessante fazer uma adaptação para coisas que ainda são tabus hoje. Acho maravilhoso isso em Nelson, porque ele é tão temporal que você pode discutir questões modernas usando o texto dele. *Anjo Negro*<sup>23</sup>, por exemplo, é uma peça sobre racismo que continua sendo pertinente nos dias de hoje. Mas optamos por manter a discussão como estava e ser um cristal do tempo para abordar os assuntos que o Nelson abordava. Também tivemos a questão do prazo nisso. No outro projeto, foi uma decisão tomada com tempo para pensar, escolhemos manter na mesma época. Há voltas no tempo que vão até o início do século, da prostituta que é assassinada e tudo mais, então eu quis manter. Achei interessante todo o cenário do Bairro da Glória<sup>24</sup>. Mas detesto o fato das pessoas ficarem revoltadas porque mudaram o sexo do personagem ou qualquer outra coisa do gênero. As coisas que falam... são absurdas. Se

<sup>21</sup> Ator e diretor brasileiro. Atuou em telenovelas como *O Clone* (2001), *Chocolate com Pimenta* (2002) e *Avenida Brasil* (2012). O primeiro trabalho como diretor foi em 2018, com a adaptação de *O beijo no Asfalto*.

<sup>22</sup> Ator, apresentador, dublador, cineasta e escritor de literatura infantil brasileiro, que iniciou a carreira artística no Bando de Teatro Olodum.

<sup>23</sup> Peça teatral feita originalmente para Abdias do Nascimento, em 1946. Este que foi impedido de encenar por questões de preconceito racial. É uma peça revolucionária no âmbito dramático por se passar durante um único dia, é baseada na temática racial, embora contenha elementos ligados a sexualidade assim com outras obras do autor.

<sup>24</sup> Tradicional bairro carioca. Conhecido pelo seu lado boêmio e por ter tido moradores ilustres da área das Artes e Literatura. Também possui um hotel que tradicionalmente hospedava presidentes quando iam ao Rio, além de ter a tradicional Igreja do Outeiro Católica, muito representada artisticamente.

you feel so offended by it being changed, the original text is still there, intact, and you can still read the book or do whatever you want. The world changes, and the things that should be discussed change with it. It's important to make changes, it's more interesting and speaks more to the current times than "respecting childhood". It's complicated to be comfortable with the color of the underwear of a superhero now, for example.

**TOC.** I agree completely. This is a question that promotes a lot of debate. But, taking into account our time, I would like to ask you about your professional positioning. How do you relate to the narrative sequential terminology, cartoon, HQ and graphic novel? Do they influence your work? In the affirmative case, in which of these categories your work would fit best?

**AB.** I am contemporary of the creation of the term *graphic novel*, which emerged in the 1980s. I was already a reader of comics and thought it was a way of involving things that already existed. *The Spirit*<sup>25</sup>, for example, was already a graphic novel, a true graphic novel, with that drawing by Eisner<sup>26</sup> and everything else. Then, adult comics already existed. After, the things from Marvel<sup>27</sup>, from Stan Lee<sup>28</sup>, started to be called *graphic novel* to say that it was a different comic. Stan didn't invent the comic in watercolor. There is a rupture evident, coming from Marvel, and some people promoted this revolution. Before Frank Miller<sup>29</sup>, for example, the comic was extremely redundant, with the legend telling the story more than the story itself. He brought the cinematic cut. Clearly, there were changes. It is valid to think that one thing is better, but the *graphic novel* was already a reality. There is a very famous comic about a Nazi henchman who is on the run in New York, he is hidden and ends up being discovered. There is a scene in which he dies crushed by a train, and everything is cut into sequences, like in movies. I found this very revolutionary. Frank Miller did something similar in the 1980s with *Demolitor*<sup>30</sup>. Comics, for me, is something that can be done in various ways. It can be a face of the legend or a face of the *cartoon* that needs to pass an idea. I like all types, from the cartoon that talks a lot to the cartoon of Borjalo<sup>31</sup>, which is usually just images. All formats help to tell a story, and it is possible to mix them. In relation to my work, there is no category that fits best, because it is possible to mix these terminologies according to the needs of each story.

<sup>25</sup> *The Spirit* is a story in comics created by the cartoonist Will Eisner. The premise revolved around a police officer who was given as dead and fought against crime. His base was in the cemetery of the city. The stories addressed a wide variety of situations: crime, romance, mysteries, horror, comedy, drama and black humor.

<sup>26</sup> William Erwin Eisner, was a famous American comic book artist.

<sup>27</sup> American publisher of related media. Today it is considered the largest publisher of stories in comics in the world.

<sup>28</sup> Was editor-in-chief and president of Marvel Comics. Also a writer, editor, actor, advertiser and entrepreneur.

<sup>29</sup> Writer and comic book artist. The author gained notoriety in the early 80s for his work with *Demolitor*.

<sup>30</sup> Fictional character who appears in stories in comics published by Marvel Comics. A superhero created by the writer/editor Stan Lee and the artist Bill Everett, with some contributions not specified by Jack Kirby. Later, it was reformulated in 1980 by Frank Miller and the illustrator Klaus Janson.

<sup>31</sup> Borjalo, pseudonym of Mauro Borja Lopes, was a Brazilian comic book artist and cartoonist, known for his simple characters.

**TOC.** Continuando então... obtive o seu contato por meio de Maria Clara Carneiro<sup>32</sup> e Lielson Zeni<sup>33</sup>, que são profissionais formados em Letras e dedicam-se a pesquisas sobre os estudos de quadrinhos. Gostaria de saber qual é a sua percepção acerca do valor que é atribuído aos quadrinhos no mercado editorial. O valor literário dessas obras já é devidamente reconhecido ou ainda é uma questão controversa?

**AB.** Considero relevante mencionar que, no período em que comecei a ler quadrinhos, as adaptações para outras mídias geralmente não eram satisfatórias. Os filmes e séries de TV baseados em super-heróis, por exemplo, muitas vezes não conseguiam reproduzir os adereços vistosos dos quadrinhos de forma adequada. Atualmente, a indústria cultural tem investido na transposição de quadrinhos de super-heróis para a tela, o que não invalida seu valor artístico. A existência do *mainstream* é importante para a indústria, mas é possível encontrar filmes alternativos ótimos em adaptações de quadrinhos e obras literárias, como as de Daniel Clowes. Concordo com Scorsese<sup>34</sup> quanto ao tédio em relação aos filmes de super-heróis, mas há exceções, como o primeiro *Homem Aranha*<sup>35</sup> de Sam Raimi<sup>36</sup>, que soube carregar a história de forma brilhante. Quadrinhos alternativos têm oferecido obras muito interessantes, mas não se pode descartar todos os filmes de super-heróis como ruins, visto que alguns têm sido reconhecidos pela crítica.

Arnaldo Branco foi um dos roteiristas do programa Greg News com Gregório Duvivier (HBO), que ganhou o prêmio de Melhor Roteiro de Programa de Reality ou Variedades no 6º Prêmio Abra de Roteiro. Entre as principais publicações, destaca-se webcomics em 2002 no blog Mau Humor. A partir de 2007, publicou a tira Mundinho Animal no portal G1 e a tira Agente Zerotreze para o jornal O Globo. É autor e criador dos personagens de quadrinhos Capitão Presença e Joe Pimp, publicados pela revista Tarja Preta. Em 2006, uma antologia do Capitão Presença foi publicada pela Editora Conrad. Adaptou para os quadrinhos Vestido de Noiva e O Beijo no Asfalto, de Nelson Rodrigues (ilustrados por Gabriel Góes) e Vidas Secas, de Graciliano Ramos (ilustrado por Eloar Guazzelli). Escreveu roteiros para os programas Casseta & Planeta Urgente e Domingão do Faustão e em 2013 dirigiu a minissérie Overdose para a MTV Brasil. Também trabalhou como roteirista de episódios das séries de desenho animado Irmão do Jorel, Oswald, Giga Blaster e O Menino Maluquinho e do programa Greg News.

<sup>32</sup> Professora adjunta na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

<sup>33</sup> Pesquisador nas áreas de teoria literária, teoria da linguagem, literatura brasileira, histórias em quadrinhos, cinema e teorias da comunicação.

<sup>34</sup> Cineasta, produtor de cinema, roteirista e ator norte-americano vencedor do Oscar de melhor diretor por *Os Infiltrados* (2006).

<sup>35</sup> Super-herói que aparece nas revistas em quadrinhos publicadas pela Marvel Comics, também adaptado para outros meios.

<sup>36</sup> Diretor, produtor, ator e roteirista norte-americano, famoso por dirigir a série de filmes do *Homem-Aranha*, *Evil Dead* e produzir a série *Xena: Warrior Princess*.

**TOC.** Além disso, não se pode afirmar que apenas filmes *underground*<sup>37</sup> são bons, pois há muitos filmes alternativos ruins também. Para concluir, quais são seus projetos atuais e futuros, tanto em parceria quanto individual? Existe interesse ou possibilidade de trabalhar novamente em adaptações de obras da literatura brasileira para a linguagem dos quadrinhos?

**AB.** Recentemente, concluí a adaptação de uma obra de Dias Gomes<sup>38</sup>, mas não tenho certeza sobre o andamento do projeto. Fui contratado juntamente com Guazelli<sup>39</sup> para adaptar *Vidas Secas*<sup>40</sup>, que foi indicado ao Jabuti<sup>41</sup> e foi um trabalho legal. Posteriormente, fomos convidados para adaptar *O pagador de promessas*<sup>42</sup>, porém, Guazelli já havia feito uma adaptação para Dias Gomes e eles queriam fazer outra. Isso se tornou um impedimento para lançarmos a nossa adaptação, pois ele já havia feito a sua adaptação sozinho e não comunicou nada. Embora ainda me chamem para trabalhos, não tenho pretensão de trabalhar em adaptações se não houver uma procura. Estive em uma reunião na Rocco<sup>43</sup> recentemente, onde foi sugerido que eu escrevesse um livro sobre o período atual, em vez de escrever sobre coisas cariocas, como fiz em meus contos. Embora ache interessante a ideia, tenho medo de me sobrecarregar, pois tenho outras atividades, como o *Greg News*, que precisam de minha atenção. Contratei uma agente para me ajudar a vender trabalhos que já tenho prontos, mas nem sempre posso ajudar. Tenho muitas coisas engatilhadas, algumas escritas desde 2013, que ainda estão sendo produzidas. No audiovisual, é difícil prever quando um projeto será finalizado, pois os prazos são mais extensos do que nos quadrinhos, onde geralmente recebo uma encomenda, cumpro o prazo e sigo em frente. Por isso, tenho que equilibrar diversas atividades até que uma delas se concretize.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

### 1 – Tiago Collect

Mestrando em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil  
<https://orcid.org/0009-0003-8883-5394> - [tiago.collect@acad.ufsm.br](mailto:tiago.collect@acad.ufsm.br)  
 Contribuição: Autor

<sup>37</sup> Ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia.

<sup>38</sup> Foi um romancista, dramaturgo, autor de telenovelas e membro da Academia Brasileira de Letras.

<sup>39</sup> É um ilustrador, animador e quadrinista brasileiro.

<sup>40</sup> Influente e importante romance do escritor brasileiro Graciliano Ramos, escrito entre 1937 e 1938, publicado originalmente em 1938 pela antológica Livraria José Olympio Editora, hoje editado pela Editora Record.

<sup>41</sup> É o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro.

<sup>42</sup> É uma peça de teatro do dramaturgo brasileiro Dias Gomes, encenada pela primeira vez em São Paulo pelo Teatro Brasileiro Comédia, no ano de 1960.

<sup>43</sup> Editora brasileira sediada no Rio de Janeiro.